

DICIONÁRIOS ESCOLARES BILÍNGUES DE LÍNGUA ESPANHOLA: REFLEXÕES SOBRE OBRAS DIRECIONADAS AO APRENDIZ BRASILEIRO

Dr. Odair Luiz Nadin –Departamento de Letras da UEM.

RESUMO

O ensino de língua espanhola no Brasil é um tema que vem sendo discutido e analisado há alguns anos. Muito se tem refletido sobre as interferências da língua portuguesa no processo de aprendizagem de espanhol; sobre a produção de materiais didáticos; sobre a formação de professores etc. Entretanto, um aspecto importante para a aprendizagem de qualquer língua estrangeira, nesse caso o espanhol, não recebeu ainda a mesma atenção. Trata-se de reflexões teórico-metodológicas sobre a elaboração de dicionários mono e bilíngues de espanhol para estudantes brasileiros. Tem-se, neste artigo, o objetivo de descrever e analisar cinco dicionários bilíngues de espanhol direcionados ao aprendiz brasileiro a partir da dicotomia *dicionário ativo/dicionário passivo* defendido pela Lexicografia Bilíngue. Primeiramente discorreremos sobre a dicotomia supramencionada para, então, verificar em que medida os dicionários analisados atendem a esses princípios.

Palavras-chave: Lexicografia Bilíngue. Dicionário ativo. Dicionário passivo. Espanhol.

ABSTRACT

The teaching of Spanish language in Brazil is a topic which has been discussed and analyzed for some years now. Much thought has been dispensed to the interference of Portuguese language in the learning process of Spanish; upon the production of didactic materials; teacher education, etc. However, a very important aspect for the learning of any foreign language, the Spanish one in our case, has not received much attention yet. It is the case of theoretical-methodological reflections upon the production of mono and bilingual Spanish dictionaries for Brazilian students. This article aims at describing and analyzing five bilingual dictionaries of Spanish directed to Brazilian students from the point of view of the active/passive dictionary dichotomy supported by the Bilingual Lexicography. First of all we are going to discuss upon such dichotomy, and then verify at which level the dictionaries fit these principles.

Key-words: Bilingual Lexicography. Active Dictionary. Passive Dictionary. Spanish.

Introdução

O ensino de língua espanhola no Brasil é um tema que vem sendo discutido e analisado há alguns anos (GONZALES, 1994; DURÃO, 1998; FANJUL, 2002). Muito se tem refletido sobre as interferências da língua portuguesa no processo de aprendizagem de espanhol (DURÃO, 2004); sobre a produção de materiais didáticos (ERES FERNÁNDEZ, 2001); sobre a formação de professores (BARROS e COSTA, 2005) etc. Entretanto, um aspecto importante para a aprendizagem de

qualquer língua estrangeira, neste caso o espanhol, não recebeu ainda a mesma atenção. Trata-se de reflexões teórico-metodológicas sobre a elaboração de dicionários mono e bilíngues de espanhol para estudantes brasileiros.

Há, no entanto, algumas iniciativas de pesquisas sobre lexicografia bilíngue no Brasil, embora muito recentes. Entre os pesquisadores que se dedicam ao tema, destacam-se Carvalho (2001); Bugueño Miranda (2007) e Durão (2007)^[1]. Os dicionários no par de línguas português-espanhol existentes no mercado brasileiro são produtos, muitas vezes, de “resumos” de dicionários de língua ou confeccionados por autores de livros didáticos (JIMÉNEZ GARCÍA e SÁNCHEZ HERNÁNDES, 2000; BALLESTERO ALVAREZ e SOTO BALBÁS, 2007, entre outros), o que provoca, em alguns casos, a elaboração de obras que não atendem às necessidades do aprendiz brasileiro.

As necessidades do possível usuário juntamente com a função à qual o dicionário pretende servir e as línguas envolvidas são os aspectos que se deve considerar na elaboração de um dicionário bilíngue. Por exemplo, ao se elaborar um dicionário português-espanhol deve-se considerar se o usuário desse dicionário será um falante de espanhol ou um falante de português e para qual função a obra deve servir ao usuário.

Para a análise que propomos neste texto, selecionamos cinco dicionários bilíngues português-espanhol/espanhol-português a fim de verificar o nível de adequação dessas obras para o estudante brasileiro, a partir dos aspectos acima mencionados (usuário, funções e línguas em contraste). Os dicionários selecionados foram:

	Dicionário	
01	MICHAELIS: dicionário escolar español. 2.ed. São Paulo: Melhoramentos, 2008.	MDEE (2008)
02	D i c i o n á r i o Bilíngue Escolar português-español/espanhol-português. 2.ed. Madrid: SBS/SGEL, 2008.	DBE (2008)
03	BALLESTERO-ALVAREZ, M. E.; SOTO BALBÁS, M. Minidiccionario Español-Português/Português-Espanhol. São Paulo: FTD, 2007.	MiDEP (2007)
04	Dicionário Escolar Espanhol. 1.ed. São Paulo: Martins Fontes/Klett, 2005.	DEE (2005)
05	Dicionário Larousse/Ática Básico. 1.ed. São Paulo: Ática, 2001.	DLA (2001)

Quadro 01: Dicionários analisados

Antes, porém, da análise propriamente dita, faz-se necessário discorrer sobre alguns conceitos básicos. Dissertaremos, primeiramente, sobre a dicotomia *dicionário ativo/dicionário passivo*. Ressaltamos que as reflexões acerca dessa dicotomia se fazem necessárias em virtude de os dicionários ora analisados apresentarem uma macroestrutura na direção português-espanhol e outra na direção espanhol-português, pretendendo ser, portanto, bifuncionais.

Após essas reflexões, dedicar-nos-emos aos elementos que constituem a megaestrutura de um dicionário, a saber: *front matter*, *macroestrutura*, *microestrutura*, *medioestrutura*, *middle matter* e *back matter*. A partir desses princípios, analisaremos os dicionários citados, sobretudo no que se refere às *macros* e às *microestruturas*.

1.A dicotomia dicionário ativo/dicionário passivo

Um dicionário ativo é aquele que possui a função de servir à produção de textos na língua estrangeira para o consulente e o dicionário passivo é aquele cuja função é a de servir à compreensão de textos nessa língua. Isso significa que para cada par de línguas dever-se-ia gerar quatro dicionários diferentes.

Essa proposta foi apresentada por Ščerba na primeira metade do século XX. Segundo Werner (1997, p. 113), “a proposta de Ščerba trouxe algumas inovações aos estudos lexicográficos que provocaram, ao menos teoricamente, uma mudança de paradigma nas reflexões acerca da lexicografia bilíngue”.

Ščerba considerou insuficiente a distinção entre língua de partida e língua de chegada - distinção frequente na lexicografia bilíngue - e fixando-se na capacidade linguística do usuário, introduziu os conceitos de dicionário ativo (*active dictionary*) e dicionário passivo (*passive dictionary*). O dicionário ativo é o que serve para a produção de texto em uma língua estrangeira (L1-L2). O dicionário passivo é o que serve para a compreensão do texto na língua estrangeira (L2-L1). Em ambos os casos, a língua primeira é a língua materna do usuário. Ščerba acreditava que esta distinção facilitaria as informações lexicográficas e tornaria os dicionários mais eficientes^[1]. (TAZAWA, 1998, p. 14).

Haensch e Omeñaca (2004, p. 243) observam que para a elaboração de um dicionário bilíngue existe toda uma gama de decisões lexicográficas, em diversos campos, que dependem, por uma parte, da função do dicionário bilíngue como *dicionário ativo* ou como *dicionário passivo* e, por outro lado, da língua materna do usuário que consulta o dicionário.

Desse modo, no par de línguas português/espanhol, seguindo os princípios propostos Ščerba, haveria os seguintes dicionários.

- 1) **Dicionário para a produção de textos em língua estrangeira:**
 - 1a) português-espanhol: para falantes de português
 - 1b) espanhol-português: para falantes de espanhol

 - 2) **Dicionário para a compreensão de textos em língua estrangeira:**
 - 2a) espanhol-português: para falantes de português
 - 2b) português-espanhol: para falantes de espanhol
- (com base em KROMANN, 1990).

Nos casos 1a e 1b, tais dicionários exerceriam uma função ativa para o usuário. Esse usuário buscaria informações para a produção de textos em português ou espanhol, respectivamente. Por outro lado, nos casos 2.a e 2.b os dicionários possuiriam uma função passiva, ou seja, seriam utilizados pelos usuários com a função prioritária de compreender textos na língua estrangeira para ele.

Entre as diferenças estruturais existentes entre o *dicionário passivo* e o *dicionário ativo* é que este possui uma macroestrutura sintética e uma microestrutura densa, enquanto aquele possui uma macroestrutura densa e uma microestrutura sintética. Damim e Bugueño Miranda (2005) corroboram essa assertiva ao observar que:

No dicionário bilíngue ativo o “peso” do dicionário está na quantidade de informações no interior do verbete de que deve dispor o consulente para poder “dizer sintagmaticamente de forma correta”, na língua estrangeira, [...].

Já no dicionário passivo, o texto “já está dito sintagmaticamente” na língua estrangeira, e o que o consulente precisa são as equivalências para a língua cujas regras de construção já conhece (a sua língua materna). [...]. Isso explica o porquê da ênfase na densidade microestrutural num caso e na macroestrutural no outro.

A partir das considerações apresentadas acima sobre a dicotomia *dicionário ativo-dicionário passivo*, procederemos, no item 3, à análise das obras selecionadas. Antes, porém, discorreremos, no item seguinte, sobre as partes constitutivas de um dicionário.

2.Partes constitutivas de um dicionário: a *megaestrutura*

Um dicionário possui, em geral, segundo alguns lexicógrafos, sobretudo alemães e ingleses, o que se denomina *megaestrutura*. Isso significa que uma obra lexicográfica pode ser composta por diferentes partes: *front matter*, *macroestrutura*, *microestrutura*, *medioestrutura*, *middle matter* e *back matter*.

Essas diferentes partes assumem, por assim dizer, alguma especificidade pertinente ao dicionário. Entre elas, três são canônicas, isto é, sempre se farão presentes nas obras lexicográficas: a *macro*, a *micro* e a *medioestrutura*. As outras três possíveis partes - *front matter*, *middle matter* e *back matter* - podem ou não estar presentes segundo a função da obra. O *front matter* ou partes introdutórias quase sempre se faz presente, o mesmo não se pode dizer do *middle matter* e *back matter*.

O *front matter*, como dito antes, refere-se às partes introdutórias do dicionário. Nesse espaço, oferecem-se ao usuário as informações básicas sobre a organização do dicionário, bem como as orientações de uso.

O *back matter* se refere, por outro lado, ao conjunto de informações que aparecem ao final do dicionário. Poderíamos entendê-lo, de maneira geral, como os apêndices com informações gramaticais, tabelas, modelos de conjugação verbal, mapas, adjetivos pátrios, países e capitais etc.

Quanto ao *middle matter*, trata-se do conjunto de informações presente em meio à macroestrutura do dicionário. Podem ser, por exemplo, tabelas com ilustrações existentes no dicionário que possui o objetivo de facilitar a compreensão de algum lema ou acrescentar informações que, por alguma razão, não caberiam na microestrutura.

A *medioestrutura*, por sua vez, representa o conjunto de informações cruzadas que se encontram no dicionário e que têm como objetivo, ao menos teoricamente, facilitar a compreensão de algum lema ou remeter-lo a outro(s) com o(s) qual(is) possui algum tipo de relação.

Entre todas elas, a *macroestrutura* e a *microestrutura* são as canônicas, sem elas não haveria dicionário. A macroestrutura pode ser entendida, grosso modo, como o conjunto de lemas que forma o dicionário e a *microestrutura* como o conjunto de informações sobre o lema.

2.1.A macro e a microestrutura

O que se entende por *macroestrutura* de um dicionário e o que a compõe é ainda um “problema” para a Lexicografia. Bugueño Miranda (2007, p. 262) observa que faltam “critérios integradores no conceito de *macroestrutura*”. Como prova disso, o autor desenvolve algumas reflexões acerca das informações presentes em alguns dicionários de lexicografia, como as que reproduzimos na sequência:

- (i) [macroestrutura] está atrelada a um problema de estrutura de acesso, que, nesse caso, é a ordenação alfabética (Hartmann, James, 2001);
- (ii) diz respeito tanto ao universo léxico que o dicionário deve conter, como à ordenação e tratamento da *nominata* (Martinez de Souza, 1995).

(*apud* BUGUEÑO MIRANDA, 2007, p. 261)

O autor supramencionado recorre, também, ao conceito de *macroestrutura* proposto por Rey-Debove (1971), a saber: “macroestrutura é o conjunto de entradas de acordo com uma leitura vertical”. Entretanto, embora Bugueño Miranda (2007) reconheça a importância desse conceito para a Lexicografia, ele observa que tal “formulação não permite responder satisfatoriamente às seguintes perguntas”.

- Quantas unidades devem constituir o conjunto de entradas ordenadas?
- Que tipo de unidades constitui ou pode constituir esse conjunto de

- entradas ordenadas?
- Como dispor esse conjunto de entradas ordenadas?
 - Como resolver o problema da escolha entre formas mais legitimadas frente a outras menos legitimadas? (BUGUEÑO MIRANDA, 2007, p. 261).

Bugueño Miranda (2007, p. 263) acrescenta que “é evidente que as necessidades do usuário devem ser consideradas para efeitos macroestruturais”. O autor alerta, no entanto, para “uma carência no que diz respeito a um perfil prototípico de usuário atrelado a um tipo também específico de dicionário”. E observa: “[...] só é possível trabalhar hipoteticamente com um perfil de usuário [...]”.

Vinculado às questões apresentadas acima, faz-se necessário pensar sobre critérios de seleção macroestrutural. Ditos critérios podem estar relacionados à “quantidade” (definição macroestrutural quantitativa) ou à “qualidade” (definição macroestrutural qualitativa) de unidades léxicas a serem lematizadas. No primeiro caso, estamos diante de problemas relacionados ao volume de entradas do dicionário.

Na tradição do dicionário Collins Cobuild (1995), um critério de seleção macroestrutural poderia estar ancorado na representação estatística do léxico. Para tal efeito, estabelece-se uma escala de frequência de unidades léxicas e calcula-se um número mínimo de ocorrências. Uma frequência menor ao número mínimo de ocorrências implica que essa unidade léxica não aparecerá na *nominata* do dicionário. (BUGUEÑO MIRANDA, 2007, p. 265).

No segundo caso, ou seja, a “definição macroestrutural qualitativa”, as discussões se referem, como o próprio nome diz, à qualidade e não à quantidade dos lemas a serem arrolados. A partir da *definição macroestrutural qualitativa* desenvolvem-se reflexões sobre qual vocabulário é pertinente para compor a *nominata* de um dicionário. Assim, questões como (i) a problemática da variação (forma canônica x forma com menos prestígio - *type/token*); (ii) as variantes ortográficas; (iii) o tratamento dos empréstimos; entre outros, fazem parte dessas reflexões.

3.Dicionários bilíngues para o ensino de espanhol no Brasil: alguns exemplos

Conforme exposto na introdução desse artigo, os dicionários selecionados para a análise foram: Michaelis, Minidicionário Espanhol-Português/Português-Espanhol, Dicionário Bilingue escolar, Dicionário Escolar Espanhol e o Dicionário Larousse/Ática (*vide quadro 01, p. 02*).

Selecionamos, nesses dicionários, um intervalo lematizado para cada uma das

direções propostas, ou seja, um intervalo lematizado no dicionário na direção português-espanhol e outro no dicionário na direção espanhol-português, conforme quadro 02.

	Dicionário	Direção Português-Espanhol	Direção Espanhol-Português
01	MDEE (2008)	<i>cadarço - calça</i>	<i>gratis - grosor</i>
02	DBE (2008)		
03	MiDEP (2007)		
04	DEE (2005)		
05	DLA (2001)		

Quadro 02: Intervalos lematizados

A primeira informação que buscamos nos dicionários em questão se refere ao possível usuário. Verificamos em suas respectivas introduções se há preocupações em delinear o perfil de um usuário em potencial da obra bem como sobre suas necessidades de consulta. As informações constantes nos dicionários são:

MDEE (2008): [...] este dicionário se propõe **despertar no estudante brasileiro** a percepção para o rico vocabulário espanhol, com as informações importantes e necessárias ao domínio do idioma. (Prefácio, p. IX). (grifo nosso).

MiDEP (2007): Nossa grande preocupação é proporcionar o conhecimento do Espanhol **aos falantes de língua portuguesa, que vivem rodeados de países hispano-falantes**. Com isto em mente tivemos o cuidado de, em alguns casos, incluir o significado das palavras na América Latina. (grifo nosso).

DLA (2001): O Dicionário Básico Larousse-Ática é **a ferramenta de trabalho ideal para estudantes brasileiros** de espanhol que estejam cursando os primeiros anos de língua estrangeira. (DLA, 2001, p. IV). (grifo nosso).

Nos três casos citados acima, é clara a intenção de atender ao aprendiz brasileiro. O DEE (2005) e o DBE (2008) não apresentam nenhuma informação sobre o possível usuário do dicionário. Nesses dois dicionários as informações no *front matter* são apresentadas de forma bilíngue, ou seja, em alguns casos apresentam-se as versões em português e em espanhol do mesmo texto. Isso nos leva a considerar que ditos dicionários pretendem ser bidirecionais.

O *front matter* dos dicionários analisados se organiza da seguinte forma:

No MDEE (2008), apresentam-se informações sobre a quantidade de verbetes bem como sobre o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa. Tanto no primeiro quanto no segundo caso, as informações apresentadas são bastante superficiais. Apresenta-se, também, um item denominado *Introdução*

em que se discorre sobre a (a) microestrutura do dicionário; (b) transcrição fonética do espanhol; (c) transcrição fonética do português e (d) as abreviaturas usadas no dicionário.

Consideramos que as transcrições fonéticas presentes no MDEE (2008) - espanhol/português - são, no mínimo, ineficientes. Por um lado, a transcrição fonética do português é desnecessária haja vista o fato de esse dicionário não ter o objetivo de atender ao falante de espanhol. Por outro, a transcrição fonética do espanhol que poderia contribuir ao processo de aprendizagem da pronúncia, embora esse não seja o objetivo principal do dicionário em questão, apresenta, em muitos casos, equívocos na marcação da sílaba tônica do lema.

No MiDEP (2007), opta-se por uma organização mais sintética. Na primeira parte, direção português-espanhol, há um texto em língua portuguesa com a apresentação da obra e as abreviaturas utilizadas. Na segunda parte, antes da macroestrutura espanhol-português, há outro texto em espanhol com a apresentação e as abreviaturas, seguindo o mesmo estilo do texto apresentado em português.

O DEE (2005) apresenta **(i)** os símbolos fonéticos do português do Brasil; **(ii)** o índice^[1] em espanhol e em português e **(iii)** as orientações, em português, para o uso do dicionário. Neste caso, somente o título (*Cómo utilizar el diccionario / Como utilizar o dicionário*) é apresentado nas duas línguas. Apresenta, também, **(iv)** um pequeno texto sobre a pronúncia do espanhol seguido de uma tabela com os símbolos fonéticos das consoantes em espanhol e **(v)** um pequeno texto sobre o “yeísmo” e o “ceceo”.

O DBE (2008), por sua vez, apresenta uma introdução em espanhol seguida de uma lista de siglas e abreviaturas utilizadas no dicionário. Além disso, há um texto denominado “Características y organización de las voces” em espanhol e em português.

No DLA (2001), o *front matter* está organizado somente em língua portuguesa, o que corrobora o fato de se afirmar que o dicionário está direcionado ao estudante brasileiro. Apresenta-se a introdução seguida de orientações de uso da obra. Há, também, uma lista com as abreviações presentes no dicionário tanto no que se refere às abreviaturas gramaticais - *adj.* para adjetivos - quanto às marcas de uso - *MED* para medicina.

3.1.A constituição da macroestrutura

Conforme discorremos anteriormente a partir da proposta de Bugueño Miranda (2007), há duas possibilidades de se “olhar” para a macroestrutura de um dicionário: (i) do ponto de vista quantitativo e (ii) do ponto de vista qualitativo. A análise ora apresentada foi desenvolvida a partir desses dois pontos de vista. Em primeiro lugar, procuramos observar a seleção lematizada dos dicionários em função do que é apresentado no *front matter* de cada um.

Os dicionários em questão estão organizados nas duas direções possíveis,

ou seja, uma cuja língua de partida é a língua portuguesa e a língua de chegada é a língua espanhola (português-espanhol) e outra na direção contrária (espanhol-português). Observemos, então, primeiramente, a macroestrutura do ponto de vista quantitativo.

No prefácio do MDEE (2008) afirma-se que este dicionário possui “mais de 30.000 verbetes, [...]” (MDEE, 2008, p. VII). Entretanto, apesar dessa informação, não há nenhum esclarecimento sobre a densidade macroestrutural em cada uma das direções do dicionário. Não é diferente com o DLA (2001). Afirma-se, na introdução deste dicionário, que:

Trata-se de uma obra prática, que vai ajudá-lo a encontrar soluções rápidas e precisas para aquelas dúvidas que sempre surgem durante o aprendizado do espanhol contemporâneo. **Mais de 30.000 palavras e expressões e mais de 40.000 traduções - incluindo siglas, abreviações e nomes próprios de uso frequente** [...]. (DLA, 2001, p. IV). (grifo nosso).

Em ambos os casos, a informação quantitativa é dada de forma que não atende a princípios teóricos básicos. Para a lexicografia bilíngue, um dicionário cuja função é a de servir à produção de textos na língua estrangeira, deve possuir uma microestrutura densa. Se a função é a de servir à compreensão de textos na língua estrangeira é a macroestrutura que deve ser mais densa (DAMIM; BUGUEÑO MIRANDA, 2005). Assim, ao informar ao leitor que o dicionário possui mais de 30.000 verbetes e não especificar como essa quantidade se divide entre as duas direções do dicionário, torna a informação irrelevante do ponto de vista lexicográfico. No caso dos dicionários DEE (2005) e DBE (2008) não há nenhuma especificação quanto à densidade macroestrutural.

Para observarmos a macroestrutura, selecionamos um intervalo lemativo (*vide quadro 02, p. 08*) de cada um dos dicionários em cada uma de suas direções. Do ponto de vista da qualidade da seleção lemativa dos dicionários em questão, notamos que tanto na direção português-espanhol quanto na direção espanhol-português há a presença de lemas pouco relevantes para o aprendiz brasileiro.

N a direção português-espanhol, encontramos palavras como *cadimo*, *caicurá*, *calaboço* (DBE, 2008, s.v.) que não fazem parte do vocabulário ativo de um adolescente brasileiro. *Calaboço* é uma variante ortográfica de *calabouço* desusada há muito tempo. Ainda com relação à macroestrutura do DBE (2008), há o registro de muitos brasileirismos ou palavras de origem tupi cuja presença não é relevante para o aprendiz nesse nível de aprendizagem. Citamos como exemplos as seguintes: *caeté*, *cafangar*, *cafundó/cafarnaum*, *caguincha*, *caguira*, *caicurá*, *cajaléu* (DBE, 2008, s.v.).

No caso do dicionário na direção espanhol-português, o MDEE (2008) registra palavras como *gratis*, *gratuito*, *grave*, *gravidez*, *gripe* etc., cujos

significados não causam, aparentemente, problemas à compreensão de textos em espanhol por falantes de português. Os outros dicionários, em maior ou menor número, também registram as palavras supramencionadas. O DLA (2001) apresenta o lema *gripa*, marcado como variante colombiana e mexicana do lema *gripe*. A palavra *gravidez* é registrada no MDEE (2008) e no MiDEP (2007), o DBE (2008) não registra *gravidez* e sim *grávido/a*^[1] com marca de gênero. Para um adolescente brasileiro, a palavra *grávido* no masculino cria uma situação, no mínimo, jocosa.

grá.vi.do/a ['gravidu/e] I .adj FIG pleno, colmado. II .n/f embarazada, grávida. (DBE, 2008, s.v.).

Outro fato a ser considerado na seleção dos lemas é que o DEE (2005) registra nomes próprios na direção espanhol-português, como *Grecia* e *Groenlandia*. O registro de nomes próprios em um dicionário não é relevante em casos como os dois citados em que não apresentam diferenças (exceto a acentuação) entre as línguas portuguesa e espanhola. Os nomes próprios podem figurar em um dicionário sempre e quando apresentarem diferenças ortográficas significativas entre o par de línguas em contraste. Uma alternativa mais viável para estes casos poderia ser a organização de uma *macroestrutura alternativa* ou apresentar os nomes próprios no *back matter*.

Os dicionários ora analisados apresentam também alguns problemas na organização de suas microestruturas. No item seguinte, observemos, de forma mais minuciosa, alguns exemplos.

3.2.A microestrutura e seus componentes

As microestruturas dos dicionários aqui analisados organizam-se de formas bastante semelhantes. Apresentam, em geral, transcrição fonética e o equivalente. Na direção espanhol-português, a microestrutura do MDEE (2008) se organiza da seguinte forma: lema, transcrição fonética, informações gramaticais, um ou mais equivalentes e, em alguns casos, exemplos de uso em espanhol e a tradução em português, conforme transcrição abaixo:

Ex. 01

- 1a) **gra.tis** [gr'atis] *adj + adv inv* Grátis. *¿quién quiere limonada? ¡Es gratis! / quem quer limonada? É grátis!* (MDEE, 2008, s.v.).

Nessa microestrutura há muita informação supérflua ao provável consulente. Como se trata de um dicionário espanhol-português e seu possível usuário é o estudante brasileiro, entende-se que deveria servir à compreensão de textos em espanhol. Assim, apenas o equivalente já cumpriria tal função. O

usuário já possui o exemplo de uso no texto que está lendo. Os outros dicionários analisados optam, em geral, por essa alternativa. Apresentam apenas a informação gramatical e um ou mais equivalentes na língua portuguesa.

- 1b) gra.tis [grátis] *adv* grátis, gratuitamente (DBE, 2008, s.v.)
- 1c) **Gratis** *adv.*, grátis (MiDEP, 2007, s.v.).
- 1d) **gratis** [‘gratis] *adj, adv* grátis (DEE, 2005, s.v.).
- 1e) **gratis** 1 *adv* grátis 2 *adj* grátis. (DLA, 2001, s.v.).

Ademais, as informações apresentadas não ajudam a compreender o significado do lema. Tanto no exemplo 01 - **gratis** - quanto no exemplo que apresentamos na sequência (Ex. 02), os contextos caracterizam-se como “informações não discretas^[1],” (BUGUEÑO MIRANDA; FARIAS, 2006), ou seja, não possuem relevância para o consulente.

Ex. 02

- 2a) **gra.vi.dez** [grabid’èθ] *sf* Gravidez.No nos conto de su gravidez./Não nos contou de sua gravidez. (MDEE, 2008, s.v.)

Com relação ao lema **gravilla** há algumas diferenças na microestrutura dos diferentes dicionários. O MDEE (2008), seguindo a estrutura apresentada nos exemplos 1 e 2, propõe como equivalentes no português *pedra miúda* e *cascalho*. Para o DEE (2005) e o DLA (2001), o equivalente é *brita*. O DBE (2008) e o MiDEP (2007) não registram a unidade léxica *gravilla*. No DBE (2008), no entanto, registra-se *grava* cujo equivalente proposto é *cascalho*. O DEE (2005), por sua vez, registra *grava* com o equivalente *cascalho* e *gravilla* com equivalente *brita* (*cf. exemplo 3b*). O MDEE (2008) também registra *grava* e propõe como equivalente *cascalho*, mas mantém esse equivalente na entrada *gravilla*.

Ex. 03

- 3a) **gra.vi.lla** [grab’iɫa] *sm* Pedra miúda, cascalho. *quedan bien esas gravillas entre la flores* / esses cascalhos entre as flores ficam bem. (MDEE, 2008, s.v.).
- 3b) **gravilla** [gra’βiɫa] *f* brita *f* (DEE, 2005, s.v.)
- 3c) **gravilla** *f* brita *f*. (DLA, 2001, s.v.)

Os problemas que julgamos pertinentes comentar, nestes casos, se referem, sobretudo, à relação de equivalência. No exemplo 3a, observamos que são apresentados dois equivalentes - *pedra miúda* e *cascalho*. Nos exemplos 3b e 3c, o equivalente apresentado é *brita*. No dicionário Aurélio (2004, s.v.), define-se

brita como “Material resultante do britamento de pedra, com diâmetros máximos compreendidos entre 4,8mm e 100mm e que tem inúmeras aplicações; pedra britada”. Para *cascalho*, o mesmo dicionário dá a seguinte definição:

- 1.O conjunto das lascas de pedras que saltam quando se lavra a cantaria.
- 2.Pedra britada ou lascas de pedra, não raro misturadas com areia grossa e fragmentos de tijolos, utilizados em materiais de construção. (Aurélio, 2004, s.v.).

-nos que as unidades léxicas *cascalho* e *brita* não se referem exatamente aos mesmos significados em língua portuguesa e não há nenhuma especificação sobre isso nos verbetes analisados.

Verificamos nos dicionários na direção português/espanhol o lema *cascalho*, a fim de observar os equivalentes propostos.

Ex. 04

- 4a) **Cascalho**, *n.m.*, cascajo, guijarro, guijo (MiDEP, 2007, s.v.).
- 4b) *cas.ca.lho* [kas'kaɫu] *n/m* cascajo; escombros (DBE, 2008, s.v.).
- 4c) **cascalho** *m* grava *f*, pedregullo *m* RP. (DLA, 2001, s.v.).
- 4d) *cas.ca.lho* [kask'aɫu] *sm* Grava, guijo, guijarro, cascajo, gravilla. (MDEE, 2008, s.v.).
- 4e) **cas.ca.lho** [kas'kaɫu] *m* (pedras), grava *f*; (no fundo do mar) arena *f* (DEE, 2005, s.v.).

Entre os casos apresentados acima, apenas o “4e” oferece algum subsídio que pode contribuir para a produção de texto em língua espanhola por um falante de português. A discrepância entre os equivalentes propostos pelos diferentes dicionários aliada à falta de informações relevantes promovem uma não funcionalidade dos verbetes em questão.

Quanto à transcrição fonética, os dicionários analisados apresentam-na, em muitos casos, de forma equivocada. Tanto no exemplo 02 - *gravidez* - quanto no exemplo 03 - *gravilla* - o MDEE (2008) assinala equivocadamente a sílaba tônica, transcreve [grabid'eθ] [sic!] e [grab'ila] [sic!] no lugar de [grabi'deθ] e [gra'biɫa]. Não é diferente na direção português-espanhol, o mesmo dicionário - MDEE (2008) - apresenta a transcrição fonética para a palavra *cascalho* e, mais uma vez, se equivoca na posição da sílaba tônica - [kask'aɫu] em lugar de [kas'kaɫu]. Ademais, a presença da transcrição fonética do português neste caso trata-se de uma “informação não discreta e não discriminante” (BUGUEÑO MIRANDA; FARIAS, 2006), pois por um lado não é relevante para um aprendiz que tem como língua materna o português e, por outro, não lhe acrescenta conhecimento, já que seu objeto de estudo, neste caso, é a língua espanhola.

As microestruturas dos dicionários na direção português-espanhol possuem, também, problemas que devem ser considerados. O MDEE (2008) apresenta praticamente a mesma organização do dicionário na direção contrária, inclusive com a mesma “deficiência” na transcrição fonética. Isso

contradiz o fato de que esse dicionário se define como direcionado ao estudante brasileiro. Assim, o objetivo de auxiliar o falante de português na produção de texto em espanhol não é cumprido por esse dicionário, como podemos observar no verbete que transcrevemos no exemplo 05.

Ex. 05

5a) **caiar** [kaj'ar] *vtd* Blanquear (MDEE, 2008, s.v.)

Para a produção de textos em língua estrangeira, o aprendiz necessita de mais informações além da transitividade no caso dos verbos e do equivalente. Há a necessidade, também, de informações e exemplos de uso etc. O DBE (2008) apresenta para o lema *caiar* os equivalentes *encalar* e *blanquear* e o DLA (2001) apresenta somente o verbo *encalar*, conforme exemplo 5c.

5b) **ca.iar** [ka'ja] v 1. encalar. 2. blanquear (DBE, 2008, s.v.)

5c) **caiar** vt encalar (DLA, 2001, s.v.)

Nos exemplos 5b e 5c há ainda outro problema: os equivalentes propostos. O DBE (2008) apresenta como primeiro equivalente o verbo *encalar* e o DLA (2001) apresenta somente este equivalente. Entretanto, o *Diccionario de la Real Academia (DRAE)* registra duas entradas para *encalar*:

encalar¹.

1. tr. Blanquear con cal algo, principalmente una pared.

2. tr. Meter en cal o espolvorear con ella algo.

encalar².

1. tr. Poner o meter algo en una cala o cañón, como el carbón en los hornillos de atanor.

2. tr. Hacer que un objeto quede atascado en altura o lugar fuera de alcance.

(www.rae.es)

As acepções apresentadas no DRAE na primeira entrada para *encalar* coincidem em parte com o que os dois dicionários - DBE (2008) e DLA (2001) - apresentam. Entretanto, não há nesses verbetes nenhuma informação sobre os significados referentes à segunda entrada apresentada pelo DRAE. Assim, um aprendiz que pretende colocar em seu texto em espanhol o equivalente de *caiar* (se é que algum adolescente no século XXI usa esta palavra!), não saberá com qual significado deve usá-la. Para esclarecer sua dúvida, o aprendiz teria que recorrer a um dicionário de português, saber o que significa o verbo *caiar*, depois ir a um dicionário de espanhol e verificar o que significa o verbo *encalar* e somente, em um terceiro momento, o DLA (2001) lhe seria útil. Existe, portanto, um problema quanto a funcionalidade dos equivalentes propostos. O DEE (2005) não registra o verbo *caiar*.

Outro exemplo que julgamos pertinente comentar é o referente ao

substantivo *caipirinha*. Quatro dos cinco dicionários em questão registram essa unidade léxica. O DRAE incluirá em sua 23ª edição a unidade léxica *caipiriña*.

O DBE (2008) apresenta a transcrição fonética, uma informação gramatical e o equivalente, enquanto que o DLA (2001) apresenta somente a informação gramatical e o equivalente.

Ex. 06

6a) **cai.pi.ri.nha** [kajpi'riɲe]
] n/f caipiriña (DBE, 2008, s.v.)

6b) **caipirinha** f caipiriña f (DLA, 2001, s.v.)

Os dicionários MDEE (2008) e DEE (2005) procedem de outra forma. O MDEE (2008) opta por fazer uma definição de *caipirinha* (cf. exemplo 6c).

6c) **cai.pi.ri.nha** [kajpir'iɲə] sf Cóctel de aguardiente con limón.(MDEE, 2008, s.v.)

O DEE (2005), por outro lado, propõe, além do equivalente, uma informação enciclopédica. Esta alternativa é bastante interessante, porém há equívocos na afirmação apresentada (cf. exemplo 6d).

6d) **cai.pi.ri.nha** [kajpir'iɲə] f caipiriña f

CULTURA La **caipirinha** es una bebida preparada con rodajas de lima machacadas y batidas junto con azúcar, hielo y **cachaça**. En los últimos tiempos han aparecido nuevas recetas de **caipirinha**: maracuyá con **cachaça**, **caipirinha** de bayas, etc. La variedad más famosa de la **caipirinha** tradicional es la **caipirosca**, preparada con vodka.

(DEE, 2005, s.v.)

Observamos que há certa preferência, ao discorrer sobre a *caipirinha*, usar a forma em português e não o equivalente proposto - *caipiriña*. A informação sobre o fato de terem surgido muitas receitas de *caipirinha* nos últimos anos está correta, entretanto, a *caipirinha* de vodka não é a mais tradicional, pois se trata de uma variedade mais elitizada da bebida. A *caipirinha* original e, portanto, mais tradicional, é mesmo a de cachaça^[1].

Ao compararmos os exemplos 6c e 6d, notamos que no primeiro afirma-se que a bebida é feita com *limón* e no segundo com *rodajas de lima*. Essa divergência entre as informações apresentadas nos dicionários pode levar o consulente a não compreender qual fruta é usada para a elaboração da bebida. Embora na língua espanhola ditos substantivos podem referir-se a tipos de limão, no português *lima* e *limão* são frutas bastante diferentes. Ainda no exemplo 6d, utiliza-se a palavra *caipirosca*. O Dicionário Aurélio (2004, s.v.) de língua portuguesa não registra essa unidade léxica.

Considerações Finais

Pretendemos, neste artigo, esboçar algumas reflexões sobre a estrutura de

dicionários escolares bilíngues português-espanhol/espanhol-português direcionados ao aprendiz brasileiro. Os conceitos discutidos na primeira parte nos serviram para situar o problema sobre o qual nos dedicamos na análise.

Os conceitos de *dicionário ativo* e *dicionário passivo* embora sejam discutidos já há alguns anos, ainda não existe, sobretudo em países como o Brasil, uma prática lexicográfica embasada em seus princípios teórico-metodológicos. Assim, os dicionários existentes no mercado brasileiro, ou oferecem informações desnecessárias para o falante de português ou deixam de dar os subsídios linguísticos necessários para produzirem textos em língua espanhola.

Os dicionários analisados apresentam, em maior ou menor número, problemas tanto na *macro* quanto na *microestrutura*. Isso ocorre, no nosso entendimento, porque não se considera o perfil do possível usuário e suas necessidades enquanto consulente do dicionário bilíngue, embora se afirme, em alguns casos (MDEE (2008) e DLA (2001)), que o dicionário foi pensado para o estudante brasileiro.

Do ponto de vista da macroestrutura, os dicionários analisados apresentam problemas na seleção dos lemas, como a inclusão de formas marcadas como antiquadas na língua portuguesa, como é o caso do plural *grilhões* apresentado no verbete referente ao lema *grillo* (DBE, 2005, s.v.). Apresentam, também, lemas que, *a priori*, não oferecem dificuldades para um falante de português compreender um texto em espanhol como, por exemplo, unidades léxicas como *gratis*, *gravidez* etc.

Do ponto de vista da microestrutura, os problemas são mais recorrentes. O primeiro que se faz evidente é a falta de uma teoria lexicográfica que sustente a organização das obras. Não são seguidos princípios básicos como a dicotomia *dicionário ativo/dicionário passivo*; a adequação ao usuário em potencial etc. Se esses princípios fossem seguidos e sendo o estudante brasileiro o usuário dos dicionários, haveria mais informações no dicionário na direção português-espanhol e menos no dicionário na direção espanhol-português.

Os dicionários analisados não contam, também, com uma teoria fonético-fonológica que oriente as transcrições fonéticas presentes nos verbetes. O MDEE (2008) apresenta muitas transcrições equivocadas quanto à marcação da sílaba tônica das palavras.

Referências

BARROS, C. S. de; COSTA, E. G. de M. (orgs.). *Formação de Professores de Espanhol: os (des)caminhos entre a teoria, a reflexão e a prática*. Belo Horizonte: PRPq/UFMG, 2008.

BUGUEÑO MIRANDA, F. V. O que é macroestrutura no dicionário de língua? In. ISQUERDO, A. N.; ALVES, I. M. (orgs.). *As Ciências do Léxico: Lexicologia, Lexicografia, Terminologia*. V. III. Campo Grande, MS: Ed. UFMS; São Paulo: Humanitas, 2007.

_____. V. *Bases teórico-metodológicas para um dicionário monolíngüe de espanhol como L 2 para estudantes universitários brasileiros*. Resumo disponível em www.cnpq.br. 2007-atual. Acesso em 20/10/2008.

- BUGUEÑO MIRANDA, F. V. ; FARIAS, V. *Informações discretas e discriminantes no artigo léxico*. Cadernos de Tradução. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2006.
- CARVALHO, O. L. de S. *Lexicografia bilíngüe português/alemão: teoria e aplicação à categoria das preposições*. Brasília: Thesaurus, 2001.
- DAMIM, C.; BUGUEÑO MIRANDA, F. *Elementos para uma escolha fundamentada de dicionários bilíngües português/inglês*. In. *Entrelinhas*. Ano II, nº 3, set/dez 2005. Disponível em: <http://www.entrelinhas.unisinos.br/index.php?e=3&s=9&a=18>. Acessado em 09 de fevereiro de 2009.
- DECRETO nº 4.851, de 2 de outubro de 2003. Disponível em: <http://www.receita.fazenda.gov.br/Legislacao/Decretos/2003/dec4851.htm>. Acessado em 15 de junho de 2009.
- DURÃO, A. B. de A. *Projeto de pesquisa Dicionário Contrastivo Português-Espanhol (DiCoPoEs)*. Resumo disponível em www.cnpq.br. 2007-2009. Acesso em 20/10/2008.
- _____. *Análisis de Errores en la interlengua de brasileños aprendices de español y de españoles aprendices de portugués*. 2ª. ed. Londrina: Eduel, 2004. v. 1. 362 p.
- _____. *Caracterización de la Competencia Lingüística Transicional de Lusohablantes aprendices de español e Hispahablantes aprendices de portugués*. Tese (Doutorado). Facultad de Filosofía y Letras - Universidad de Valladolid. Valladolid, 1998.
- ERES FERNÁNDEZ, G. *La producción de materiales didácticos de español lengua extranjera en Brasil*. Anuario Brasileño de Estudios Hispánicos, São Paulo, v. 10, p. 59-80, 2001.
- FANJUL, A. P. *Português e Espanhol: línguas próximas sob o olhar discursivo*. 1. ed. São Carlos: Clara Luz, 2002.
- GONZALEZ, N. T. M. *Cadê o pronome? O gato comeu. Os pronomes pessoais na aquisição/aprendizagem do espanhol por brasileiros adultos*. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade de São Paulo, USP. São Paulo, 1994.
- HAENSCH, G.; OMEÑACA, C.. *Los diccionarios del español en el siglo XX: problemas actuales de la lexicografía, los distintos tipos de diccionarios. Una guía para el usuario, bibliografía de publicaciones sobre lexicografía*. 2.ed. Salamanca: Ediciones Universidad de Salamanca, 2004.
- KROMANN, H. P. Selection and presentation of translational equivalents in monofunctional and bifunctional dictionaries. In. *Cahiers de Lexicologie. Revue Internationale de Lexicologie et de Lexicographie*. Actes du Colloque Frnco-Danois de Lexicographie (septembre 1988). Copenhagen, 1990.
- ŠČERBA, L.V. *Opyt obščerī teorii leksikografii*. En: *Izvestia Akademii Nauk SSSR. Otdelenie Litratyry i Iazyka* 3, 1940. Tradução em: Wolski - Versuch einer allgemeinen Theorie der Lexikographie, 1982.
- TAZAWA, K. *Proposta per a un diccionari Japonès-Català per a catalanoparlants*. Tese (Doutorado em Variacions en el llenguatge). Universidad de Barcelona. Departament de Filologia Catalana, 1998.
- WELKER, H. A. *Lexicografia Pedagógica: definições, história, peculiaridades*. In. XATARA, C.; BEVILACQUA, C.; HUMBLÉ, P. (orgs.). *Lexicografia Pedagógica: Pesquisas e Perspectivas*. Universidade Federal de Santa Catarina. Núcleo de Tradução, 2008.
- WERNER, R. *Algunos elementos de una teoría del diccionario bilingue*. In: CABRÉ,

M.T.;

LORENTE, M. (org.). Lèxic, Corpus i diccionari. Cicle de conferencias 95-96, p. 113-131.

Intitut de Linguística Aplicada. Universitat Pompeu Fabra, Barcelona: 1997.

WERNER, R.; CHUCHUY, C. ¿Qué son los equivalentes en el diccionario bilingüe? In: WOTJAK, G. (org.). *Estudios de Lexicología y Metalexicología del español actual*. Lexicographica - Serie maior 47. Tübingen: Niemeyer, 1992.

Dicionários:

BALLESTERO-ALVAREZ, M. E.; SOTO BALBÁS, M. *Minidicionário Espanhol-Português/Português-Espanhol*. São Paulo: FTD, 2007.

Diccionario de la Real Academia Española. Versão on-line. Disponível em: www.rae.es.

Diccionario Bilingüe Escolar portugués-español/español-portugués. 2.ed. Madrid: SBS/SGEL, 2008.

Diccionario Escolar Espanhol. 1.ed. São Paulo: Martins Fontes/Klett, 2005.

Diccionario Larousse/Ática Básico. 1.ed. São Paulo: Ática, 2001.

FERREIRA, A. B. de H. *Diccionario Eletrônico Aurélio Século XXI*. 3. ed. São Paulo: Positivo, 2004.

FLAVIAN, Eugenia ; ERES FERNÁNDEZ, G. . *Minidicionário Espanhol-Português/Português-Espanhol*. 19. ed. São Paulo: Ática, 2009. v. 1.

JIMÉNEZ GARCÍA, M. de Los Á.; SÁNCHEZ HERNÁNDEZ, J. *Minidicionário de espanhol - três em um*. São Paulo: Scipione, 2000.

MICHAELIS: *diccionario escolar español*. 2.ed. São Paulo: Melhoramentos, 2008.